

Da educação como prática da liberdade à inteligência da complexidade: diálogo de saberes entre Freire e Morin

Robéria Nádia Araújo Nascimento*

Índice

1 Para (re)construir um “diálogo complexo”	2
2 Consciência e democracia: caminhos para a liberdade e “passagens” para o pensamento complexo	3
3 Entrelaçando os dizeres, reinventando os saberes: a educação da complexidade ou a complexidade da educação?	6
4 A dimensão da complexidade no horizonte da educação popular	9
5 (In)Conclusão: a falta do ponto final	11
6 Referências	12

Resumo

O texto articula as idéias de Paulo Freire e de Edgar Morin, enfatizando suas contribuições para o horizonte do campo educacional. Na ótica de Freire, o diálogo rompe com o verticalismo que produz a hegemonia do saber. À luz de Morin, o viés da complexidade aponta a educação

*Professora da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), mestre em Ciência da Informação (UFPB) e doutoranda em Educação (UFPB), desenvolvendo pesquisa sobre educação e complexidade.

como um projeto de reconstrução permanente, através da pluralidade de saberes. Dessas concepções, emerge a necessidade de se formar um novo educador para que a premissa de um novo homem seja possível.

Palavras-chave: Paulo Freire, Edgar Morin, educação, diálogo, complexidade.

Abstract

This work addresses and explores Paulo Freire's and Edgar Morin's ideas, stressing their contribution to broaden the horizon of the educational field. From Freire's point of view, this dialogue breaks with the authoritarian position which brings about the hegemony of knowledge. According to Morin's thinking, the complexity of this new trend points to education as a permanently innovative project, through the plurality of knowledge. Out of these two conceptions, rises the necessity of building a new education that could enable the formation of a new and insightful individual.

Key-words: Paulo Freire, Edgar Morin, education, dialogue, complexity.

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate.

A análise da realidade não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe?”
(Paulo Freire)

“Tenho em mente um ensino educativo. A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver; que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.”
(Edgar Morin)

1 Para (re)construir um “diálogo complexo”

Frente aos múltiplos desafios da contemporaneidade, o processo de formação dos indivíduos – a esfera educacional – assume significativa relevância, uma vez que se constitui numa ferramenta básica para a participação cidadã na vida coletiva. Nesse sentido, apresenta-se como um trunfo indispensável para fazer surgir, em meio a condições adversas, indivíduos culturalmente íntegros e conscientes de sua responsabilidade sócio-política.

Assim, faz-se necessário e urgente pensarmos a educação como uma força motriz para a reconstrução do sujeito social ativo, capaz de apontar novos caminhos no tecer contínuo do conhecimento. Em momentos permeados de incertezas, próprios da época contemporânea, o pensamento educacional requer um diálogo crítico e uma constante abertura para o novo. Isso significa desenvolver outras formas de inteligibilidade, como propósito de resgatar os valores essenciais do ser humano,

mediante um aprendizado ininterrupto ancorado no questionamento da realidade.

Na perspectiva de propormos uma reflexão a esse respeito, a abordagem que delineamos ao longo deste texto busca articular algumas idéias de Paulo Freire e Edgar Morin, enfatizando suas contribuições e a similitude de seus postulados para o horizonte do campo educacional. Entre suas palavras, localizamos elos e interfaces proveitosas que podem oferecer nova luz à temática da educação popular (EP).

Na discussão aqui empreendida, acreditamos ser útil sublinhar que não realizamos uma análise exaustiva das concepções ontológicas, epistemológicas e metodológicas freireanas e morinianas. Até mesmo porque a riqueza teórica dos trabalhos de ambos não pode ser desvelada nos limites de um artigo.

Dos escritos freireanos, sobressai a esperança de um mundo livre e mais justo, a partir da desalienação dos sujeitos. Aliás, a condição da humanização, para Freire, depende do resgate histórico da liberdade. Nesse contexto, a educação passa a ser compreendida como o canal potencializador da consciência crítica dos indivíduos.

A EP, como um processo político-pedagógico que visa fortalecer a consciência da cidadania, busca emancipar os sujeitos sociais, através da auto-reflexão de sua história, tendo Paulo Freire como seu maior expoente. Assinalando a necessidade do processo “ação-reflexão-ação”, a pedagogia freireana possibilita o rompimento com a educação vertical e a imposição do saber dominante sobre os dominados. Opondo-se ao autoritarismo deste saber, a proposta de Freire considera a complexidade do saber popular e o entende como possibilidade de transformação.

Nesse aspecto, Freire se aproxima de Morin, que concebe a educação como um processo plural, capaz de reunir as interações psicológicas, sociais e políticas verificadas nos mais diversos campos da atuação humana. Para Morin, a educação é um projeto de reconstrução permanente, tendo por meta a revalorização dos atos de ensinar e aprender na direção da auto-formação dos sujeitos. O paradigma da complexidade, à luz do pensador francês, apresenta-se como um movimento que pretende questionar a visão positivista e fenomenológica da ciência convencional, interpretando os dogmas consolidados e estabelecidos.

Para tanto, Morin acredita na “liberdade”, a fim de situar a inteligência da complexidade como um sinal dos novos tempos. E o seu princípio de auto-formação dos sujeitos é semelhante à auto-reflexão histórica de que nos fala Freire. A educação como prática da liberdade defendida pelo educador brasileiro coloca o “diálogo” como categoria essencial para a emancipação da sociedade. A complexidade, princípio paradigmático discutido por Morin, apóia-se na necessidade de um pensamento multidimensional, dialético e dialógico, sem conceitos fechados, para articular saberes que se encontram divididos, compartimentados em limites que não mais se sustentam.

Ao procurarem a relatividade das interpretações e o entrelaçamento entre perspectivas de diferentes sujeitos e diferentes contextos, os autores entendem a educação como um espaço de percepções híbridas, capaz de inventar um futuro para o devir. Ambos, enfim, lutam pela revitalização cultural dos sujeitos direcionada para uma transformação social emergente e, sobretudo, possível.

2 Consciência e democracia: caminhos para a liberdade e “passagens” para o pensamento complexo

Uma preocupação significativa de Paulo Freire, que perpassa todos os seus escritos, é o engajamento em prol da justiça, através do resgate da identidade popular. A acepção de “popular” denota relações intrínsecas com os segmentos oprimidos. Numa discussão acerca dessa problemática, Melo Neto (2003) esclarece que a educação, se “popular”, pode se tornar um agente importante nos processos de libertação do indivíduo e da sociedade: “o popular adquire, a partir da ótica da cultura do povo, um significado específico no mundo em que é produzido, baseando-se no resgate cultural desse povo” (MELO NETO, 2003, p. 44).

Desse modo, a superação das condições de marginalização depende da construção de “utopias libertárias”. E estas, por conseguinte, assumem o papel de mentoras da identidade política de um povo. Educação como prática da liberdade é, nesse contexto, uma situação gnoseológica, na qual o ato de saber não termina no objeto a ser conhecido, mas se perpetua na relação “dialógica” com os participantes do processo. Em síntese, não é o esforço de adaptação do aprendiz ao meio no qual está inserido, mas a possibilidade de alcançar a consciência crítica. Para Freire, o pensamento não é um mero reflexo da materialidade, mas uma expressão da práxis humana sobre essa mesma materialidade, através do exercício dialógico.

Desenvolver políticas de educação popular implica criar um fazer político para além da razão instrumental. Nesse sentido, Melo

Neto (2003) ressalta o surgimento de uma nova razão, capaz de promover a comunicação pelo diálogo e valorizar os princípios éticos do ser humano, através de novos patamares de civilização.

Educar para a liberdade significa partilhar o saber e promover uma “vontade” coletiva em direção à democracia. Este é um dos pressupostos da pedagogia freireana. No plano da “realização”, há que se fomentar novos espaços comunicacionais para acolher novos sujeitos em fase de agregação. Nesse âmbito, um novo modelo de democracia participativa pode ser gestado, tornando a produção do conhecimento e a sua disseminação em molas propulsoras de sociedades livres.

Em “Educação como prática da liberdade” e “Pedagogia do oprimido”, encontramos eixos norteadores que podem sintetizar o pensamento freireano: a alteridade, a comunicação, a cultura, a ética, a política e o amor.

- **Alteridade** – a “revolução” por uma sociedade igualitária pressupõe a revolução nas subjetividades individuais. Uma educação que acolhe e respeita o “outro” como possibilidade de emancipação, aceitando diferenças e peculiaridades, pode inspirar sonhos de liberdade e de justiça social. Se não podemos enxergar o outro, enquanto extensão de nós mesmos, como será possível pensarmos em cidadania”? É a diferença que perpassa o outro que constitui a vida social e sua dinâmica. As diferenças fazem surgir, por intermédio da educação, forças de cooperação, de solidariedade, de amizade. Apon- tar a categoria “alteridade” como participante da pedagogia freireana permite compreender que individualidade e uni-

versalidade são conceitos complementares sob o signo da liberdade. A educação que enfoca uma alteridade “proferida”, mas não “praticada”, transforma-se numa retórica vazia e relega “o outro” a uma vida permeada por injustiças;

- **Comunicação** – é a matéria-prima do diálogo; processo de interação social, através do qual os indivíduos compartilham (tornam “comuns”) suas experiências sob condições de acesso livre e participação. Um dos objetivos do diálogo é “comunicar” o entendimento da realidade para não se exercer influência dominante sobre os outros. O exercício do diálogo possibilita ambientes sócio-culturais favoráveis à construção da liberdade. Paulo Freire critica qualquer tipo de estratégia educativa que se limite apenas à transformação individual dos educandos, esquecendo-se de transformar, coletivamente, as estruturas sociais, mediante o diálogo que liberta;
- **Cultura** – o conceito de cultura em Freire é apontado como a consequência da práxis humana e de sua relação com o trabalho. Três expressões sobressaem deste conceito: a cultura do silêncio, a noção antropológica de cultura e a ação cultural. A cultura do silêncio se refere ao mutismo brasileiro, à falta de autonomia política, à acomodação e à passividade dos setores oprimidos. É uma cultura que não indica ausência de fala, de respostas, mas que engloba uma espécie de “resposta” que carece de criticidade (Teoria da dependência). A noção antropológica de cultura relaciona-

se ao papel do homem no mundo e com o mundo enquanto ser transformador. Trata-se de uma concepção que rompe com a “tese da adaptação ao meio”. A ação cultural, por sua vez, fomenta a ação política, na medida em que Freire identifica a ação humana com o trabalho. Se lembrarmos o sentido objetivo do termo cultura, vislumbramos uma referência a todo o conjunto de criações pelas quais o espírito humano insere sua presença na história. Nessa ótica, cultura é um fenômeno social, criado pelos grupos e transmitido por estes através dos tempos. A cultura, no entender de Freire, é uma ação transformadora das condições de opressão, à medida que o homem age sobre o seu destino;

- **Ética** – a ética universal defendida pelo educador popular concerne ao respeito dos valores e comportamentos históricos. Dotado de particularidades e singularidades, o ser humano compreende o mundo a partir de seus referenciais, num processo dialético de desvelamento da realidade. Educar é sempre um ato ético e a prática educativa contém em si a eticidade como condição de existência. A prática formadora necessita da responsabilidade ética dos educadores através da mobilização de cada um no esforço de superá-las;
- **Política** – a luta pela educação que liberta é um ato político; o engajamento em prol dos oprimidos é uma atitude política. Não ficar indiferente perante à exclusão e à miséria é fazer política por intermédio da educação. A negação do imobilismo, a busca pela auto-

nomia dos sujeitos, a possibilidade da mudança social como bandeiras de um mundo mais digno representam a concepção “política” que perpassa os escritos freireanos. Fazer política com reflexão é um processo educativo que impulsiona a liberdade e educa para a vida. A pedagogia freireana é, em função disso, uma pedagogia da esperança;

- **Amor** – Paulo Freire salienta: “o amor é uma dimensão do ser vivo e que ao nível do ser humano alcança uma transcendência espetacular. Neste sentido é que eu digo que a revolução é um ato de amor”. O desafio maior dos sujeitos é conviver com a mesquinhez que se prolifera no cotidiano e com os demônios que perturbam e confundem as consciências dos mais fracos. Educar é um ato de amor, sobretudo porque não podemos ser inimigos/opressores dos outros, se habitamos o mesmo planeta e dividimos o mesmo céu. Para Morin (1995), o mundo avança sem submergir na barbárie porque existem famílias que “amam, amizades, caridade, compaixão, impulsos do coração. São esses sentimentos que tornam a vida possível e a morte indesejável; que fomentam o que há de mais precioso e o que é mais ameaçado: o amor” (MORIN, 1995, p. 231).

Em razão do exposto, Paulo Freire e Edgar Morin partilham os alicerces de uma pedagogia libertária e afetiva. Partilham com a opinião de Alves (1998), ao defenderem a premissa de que educação e ciência requerem “alma e consciência”, “vida e comunhão”:

A vida é muito mais que a ciência. Ciência é uma coisa entre outras, que em-

pregamos na aventura de viver; que é a única coisa que importa [...] Porque toda ciência seria inútil se, por detrás de tudo aquilo que faz os homens conhecer, eles não se tornassem mais sábios, mais tolerantes, mais mansos, mais felizes, mais bonitos... (ALVES, 1998, p. 6)

Expressar afeto no ambiente acadêmico e deixar aflorar a subjetividade são atitudes corajosas. Sobre isso, argumenta Freire (1993):

É preciso ousar no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de acientífico, senão de anticientífico [...]... Com sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, coma a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional (FREIRE, 1993, p. 10).

3 Entrelaçando os dizeres, reinventando os saberes: a educação da complexidade ou a complexidade da educação?

Nas entrelinhas do pensamento complexo, subjaz uma tentativa de lançar luzes à discussão sobre educação na época contemporânea. Considerando uma nova epistemologia, esse paradigma carrega em seu bojo uma grande responsabilidade: possibilitar a compreensão da ordem/desordem/auto-organização nos processos do conhecimento. Uma das propostas da complexidade é renovar, “reformular nosso pensamento” sobre as

questões que envolvem o campo educacional. Qual seria, nesse contexto, uma primeira aproximação com a pedagogia freireana?

Além de considerar os dilemas e paradoxos que permeiam a prática da educação, a complexidade visa reconhecer o conjunto de saberes que é constantemente criado e recriado na esfera do senso comum para além dos bancos e muros escolares. Segundo Morin (2001), estes saberes promovem uma necessidade de se aliar a razão e a emoção no processo de construção do conhecimento, “humanizando” os indivíduos, considerando as criações educativas que se desenvolvem em todos os espaços, dos populares aos eruditos.

Numa segunda aproximação entre os autores referidos, há o estímulo à reflexão sobre os saberes necessários a uma educação do futuro (Morin) para aglutiná-los aos saberes necessários à prática educativa (Freire). Tão relevante quanto avaliar a crise sócio-cultural que o mundo atravessa é buscar compreender, nos espaços educativos, a crise que perturba os indivíduos; a sua solidão e o seu descompasso frente a um progresso que oprime e escraviza. Tanto Freire quanto Morin repensam – e propõem mudar – as competências que envolvem o processo educativo, inserindo na formação dos sujeitos a preocupação com a “humanidade” da humanidade.

Nesse sentido, o paradigma abordado por Morin defende para a educação uma inteligência criativa e conectiva que seja capaz de somar os saberes populares e os saberes científicos, fugindo de perspectivas redutoras e cerceadoras das liberdades individuais. Paulo Freire, por sua vez, sempre acreditou na pluralidade dos saberes, e para que esta pluralidade se concretize emerge a necessidade de se transformar os educadores. A

formação educativa requer, segundo o pensamento de ambos, uma consciência “reformatadora”. Sem a reforma do pensamento, argumenta Morin, não há reforma educacional.

A pedagogia freireana é uma pedagogia da vida, que respeita as “leituras de mundo” próprias de cada sujeito. O pensamento complexo não constitui uma inteligência que se reduza à ciência ou à filosofia: mas fomenta uma inteligência aberta capaz de articular a comunicação entre esses campos, como se fosse uma naveta que se empenha para “unir os fios”.

Paulo Freire fala de uma educação popular pautada no ensino da condição humana e no respeito à alteridade dos sujeitos. Edgar Morin entende a educação como um espaço vivo apto a formar tanto competências técnicas, com morais e éticas, através da partilha do conhecimento; um caminho que minimiza a exclusão social e conscientiza os indivíduos.

O enfoque freireano difunde a idéia de que a educação deve ser contemporânea da sociedade, subsistindo no seu interior o velho e o novo, o estático e o dinâmico, a possibilidade da transformação. A inteligência da complexidade proposta por Morin analisa as especialidades educacionais como “complementares” através de métodos que possam religar os conhecimentos. A desconstrução e a reconstrução dos modelos cognitivos existentes também foram objetivos de Paulo Freire.

Partindo de princípios metodológicos diferentes, ambos buscam compreender a educação como um processo passível de gerar um homem em sintonia com seu tempo, graças à esfera do diálogo. Educar para a liberdade e educar para a complexidade significam atitudes que questionam a disciplinaridade fechada, inerte, não comunicante que

impossibilita um diálogo enriquecedor nos ambientes educativos.

Na ótica de Morin (1991), a inteligência da complexidade se instala pela pulsão cognitiva que dá vida à historicidade humana. A cultura, nesse raciocínio, é organizada pelo veículo cognitivo que é a linguagem, alma do diálogo social:

A partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, dos saberes – fazeres apreendidos, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade manifestam-se representações coletivas, consciências coletivas, imaginário coletivo... (MORIN, 1991, p. 17).

À luz de tal argumento, a articulação da palavra, a aferição de significados, o exercício das trocas lingüísticas, a criação dos métodos educativos sinalizam a relação homem-natureza-cultura, que fomenta problemas novos e instigantes que desafiam os educadores.

Os autores supracitados enfatizam que é o conhecimento do conhecimento que cria o comprometimento e favorece o diálogo. Por isso, devemos conservar a responsabilidade por tudo que conhecemos. Os nossos atos educativos contribuem para dar forma ao mundo que habitamos e assim precisamos criar um movimento complexo para permitir o trânsito dos saberes.

Para que esse movimento ocorra, é necessário que as competências se fundam e haja a troca de experiências decorrentes de domínios diversos, que não se restringem às suas especialidades. A síntese desse movimento dialógico e inclusivo é denominado de inteligência da complexidade por Edgar Morin.

Não se trata de extinguir as disciplinas no âmbito educativo, mas de fazê-las dialogar e compartilhar os conhecimentos produzidos. Em razão disso, Morin sublinha a necessidade de se repensar a formação dos educadores em prol da humanização do ensino, temática tão cara ao educador Paulo Freire.

A partir da hegemonia do saber vão sendo multiplicadas separações sucessivas entre natureza e cultura, mundo real e imaginário, produção popular e intelectual, teoria e prática, reflexão e ação. A educação passa a acentuar o caráter utilitário do conhecimento, restringindo a criatividade humana a campos demarcados e limitados.

Nesse cenário, a fragmentação do pensamento é privilegiada, através da formação mecânica de competências. A incomunicabilidade dos saberes populares e eruditos, da tradição e da ciência, gera um tipo de saber especializado. O saber popular, valorizado pela tradição da EP, é excluído, numa educação que separa o científico do humano, valorizando a hiper-especialização.

Diante dessa realidade, os eixos propostos por Edgar Morin para o pensamento complexo são similares aos pilares que sustentam a pedagogia freireana: o diálogo e o humanismo, numa aliança entre a cultura humanística e a cultura científica. Os seus escritos buscam articular as bases de um novo espírito científico, considerando os saberes produzidos pelas tradições populares. Para estes autores, a transformação social depende diretamente da transformação cognitiva dos indivíduos.

No raciocínio de Morin, os temas *mundo, terra, vida, humanidade, arte, história, cultura e conhecimento* são fundamentais para se compreender o processo do conhecimento, a identidade dos sujeitos e a ética do

gênero humano. Ensinar a viver a condição humana é, portanto, a maior premissa da inteligência complexa.

A “razão complexa” considerada na discussão moriniana é, na verdade, uma razão dialético-dialógica, que apresenta como princípio o **ir** e **vir** da realidade social na direção do **vir** a **ser** da transformação dos sujeitos. Em Paulo Freire, o “fazer saber” educativo também é uma forma de intervenção crítica no mundo. Daí porque entendemos a educação como prática da liberdade uma dimensão política da inteligência complexa discutida pelo pensador francês.

Ensina-nos Freire que a educação sem base popular atua como mera reprodutora da discriminação e da seletividade sociais. Educar não é somente perceber a realidade, mas agir em prol da sua transformação, criar uma práxis desveladora e reflexiva do mundo repleto de injustiças.

Nessa linha de raciocínio, Morin entende o indivíduo como uma unidade complexa: física, biológica, psíquica, cultural, social e histórica, tendo papel fundamental para transcender a condição ainda primitiva da pseudo-civilidade humana. Nesse ponto, Morin analisa em profundidade a identidade terrena e a sua dimensão cósmica. O homem é visto, na sua concepção, como uma auto-organização viva.

No nosso entender, a preocupação com a identidade terrena também é percebida na obra de Freire, principalmente nas suas análises sobre a exclusão provocada pelo globalismo dominante. Um ser complexo, que exerce sua autonomia através da cultura e da historicidade, está presente na visão dos dois pensadores aqui tratados. Ambos consideram a unidade na diversidade e a cultura

humana como uma multiplicidade de expressões.

Paulo Freire (1997), ao falar de inacabamento ou inconclusão, relaciona o ser humano com o cosmos, em condição de sintonia; um homem consciente de sua inconclusão, que o torna um produto sempre inacabado: “onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 1997, p. 55). Morin (2000) também crê que tudo se apresenta como um processo interminável, exigindo sempre a renovação das teorias. Por isso, demonstra esperança na educação e fé nas potencialidades humanas, admitindo que a complexidade não é uma metodologia, mas um projeto que visa conhecer a natureza do conhecimento para vencer “os riscos permanentes do erro e da ilusão” (MORIN, 2000, p. 14).

O paradigma da complexidade acena com a possibilidade de os educadores aprenderem a “navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certezas”. No plano dessas incertezas, Morin destaca as ilusões intelectuais (teorias, ideologias), as ilusões racionais (trabalho mental) e paradigmáticas (seleção dos conceitos da inteligibilidade). Diferenciando racionalidade e racionalização, o pensador francês estabelece outros paradigmas para a interpretação da prática educativa.

Outro aspecto inerente ao paradigma complexo diz respeito à construção de uma cultura de complementação. Uma contribuição científica, por exemplo, quando surge propondo outras alternativas deve ser encarada como complementar daquelas já consolidadas. A cultura da complementação é humanizante, uma vez que confere ao homem sua perspectiva histórica. Nesse sentido, a complementação admite a interrogação constante como traço característico da curiosidade ci-

entífica e do processo do conhecimento. Para o campo da educação, isso assume essencial importância.

Paulo Freire também salientou a categoria “curiosidade científica” nas suas discussões. Na sua ótica, a “curiosidade ingênua” dos sujeitos deveria evoluir para a “curiosidade epistemológica”, adquirindo qualidade e conservando sua essência. A interrogação sugerida por Morin, na verdade, é a mesma inquietação que Freire apresenta como necessária para o desvelamento do mundo. Tal fato pode ser confirmado nessas palavras: “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos” (FREIRE, 1997, p. 31).

4 A dimensão da complexidade no horizonte da educação popular

No campo educacional, a separação e o distanciamento dos saberes prevalecem, reduzindo a liberdade cognitiva e desconsiderando os saberes não demarcados pelos limites disciplinares. Desse modo, o conhecimento de um conjunto global, que é o ser humano, é visto como um conhecimento parcelado. Freire sempre se preocupou com a natureza complexa dos segmentos populares e suas diversas formas de perceber o mundo. Em decorrência disso, trabalhou para que a educação pudesse fomentar a convergência de pensamentos voltados para a cidadania e a emancipação, no mesmo ritmo das mudanças sociais e assimilando as interferências extra-muros escolares. O que seria esta pre-

ocupação se não o empenho para compreender a complexidade das relações humanas?

Desde Kuhn (1990), fomos alertados de que a ciência caminha face à troca de paradigmas, idéias que surgem para questionar os pilares até então estabelecidos e vistos como inabaláveis. Emergem, assim, outras perspectivas para a práxis científica, englobando técnicas, métodos, hipóteses, teorias, num ciclo conjunto e inesgotável, cuja palavra de ordem é “renovação”.

Sob o fio deste argumento, a educação pode se renovar através de um pensamento que agregue competências e especialidades. Porém, como construir as bases de um pensamento com tais propósitos? Segundo Morin, não basta olhar na direção da interdisciplinaridade ou sobrepor conhecimentos de diversas áreas do saber. É preciso perceber a transdisciplinaridade inerente ao ato educativo, contextualizando, religando teorias e educadores.

Em nome dessa idéia, a epistemologia da complexidade pode oferecer algumas propostas para o campo da educação popular:

- Recontextualização do princípio de universalidade, determinado pelo paradigma da simplificação proposto pela ciência tradicional, na direção de um paradigma humanista. Adota-se, então, estratégias educativas que respeitem o local e o singular dos setores populares;
- O princípio de reconhecimento e de integração, com a necessidade de intervenção histórica nos acontecimentos e situações de reivindicação;
- A não separação de elementos das partes e do todo que os compõem, aliada às

necessidades comunitárias de desenvolvimento;

- O princípio da causalidade complexa, que pressupõe problemáticas mútuas e inter-relacionadas;
 - A consideração da perspectiva dialógica sob as bases da ordem, desordem, interações, organização e movimento inverso dos saberes apreendidos;
 - O princípio de distinção, mas não de separação entre a realidade a ser conhecida, ou entre o ser e seu ambiente;
 - A relação entre o observador/concebedor e o objeto observado/concebido nos espaços populares;
 - A possibilidade de se elencar categorias do campo analisado para construir uma teoria próxima para explicá-lo a partir de suas próprias categorias;
 - A construção de uma noção prática de autonomia, mediante a utilização dos elementos da autoprodução e da auto-organização;
 - A consideração das tradições, contradições ou aporias impostas pela observação/experimentação que o ambiente sugere;
 - A propagação do pensamento dialógico, interligando contribuições eventualmente antagônicas de modelos já testados anteriormente;
 - Educar para a superação das incompreensões e do conhecimento esfacelado.
- A complexidade demonstra o imperativo de se “aprender” constantemente

o estar no mundo, através de novas articulações teórico-metodológicas que possam valorizar a prática educativa. Quando os educadores reformulam suas ações existe a real possibilidade de se imprimir um outro significado à cidadania e à emancipação, construindo um “conhecimento pertinente”, evitando a fragmentação do saber, para que a relação disciplinar seja ultrapassada.

A constatação de Fleuri (1998) oferece um reforço ao nosso pensamento:

O salto de qualidade no processo educativo (a superação da relação disciplinar) estaria na elaboração da consciência e da complexidade das relações humanas e na capacitação para gerir cooperativamente a reciprocidade entre sujeitos (com a inerente tensão entre identidade e diferença, autonomia e cooperação) e dos processos comunicativos (ativando múltiplos canais de percepção, linguagens, valores e técnicas) articulados organicamente com o ambiente natural, cultural e social (FLEURI, 1998, p. 103).

Abordar a educação popular à luz do paradigma da complexidade implica considerar a importância do “contexto” no qual as relações ocorrem e a urgência de se analisar conjuntamente algumas questões que permeiam as práticas educativas. Adverte Morin (2000) que o sistema de ensino privilegia a “separação” em vez de exercitar a “ligação”. O conhecimento, segundo sua consciência, apresenta uma necessidade de “complemento”: as teorias não são prontas e acabadas, mas provisórias.

No âmbito da EP, observar a inter-relação (individual, contextual e metacontextual) e

a integração dos saberes significa perceber a complexidade do real e do conhecimento. Argumenta Fleuri, numa leitura de Kosik: “levar em conta a analogia estrutural entre os vários sistemas e, ao mesmo tempo, reconhecer a especificidade de cada um é condição para se conhecer a complexidade das estruturas e das formas do movimento da própria realidade” (FLEURI, 1998, p. 111).

5 (In)Conclusão: a falta do ponto final

Com a identificação dos pressupostos da complexidade, os educadores populares podem construir propostas de ação que ampliem a qualidade do processo pedagógico, de modo a fortalecer as interações afetivas, sociais, psicológicas e culturais. Edgar Morin e Paulo Freire entendem a educação como instrumento capaz de reverter as injustiças e as exclusões. Freire, especificamente no que concerne à educação como prática da liberdade; Morin, no que se refere à dinâmica do conhecimento e sua multidimensionalidade.

Como síntese do que pretendemos esboçar neste texto, destacamos:

- A **EP** pode ser exercida nos múltiplos espaços da vida cotidiana, colaborando no sentido de capacitar os sujeitos para a luta contra a opressão, sem utilizar, para isso, métodos unicamente lineares; a **Complexidade** é um pensamento ancorado numa inteligência multifacetada, que recusa a organização linear;
- A **EP** pretende conscientizar os segmentos populares para a percepção do

poder exercido pelos setores dominantes; a **Complexidade** oferece “poder” de abertura para o novo e o questionamento crítico;

- A **EP** é praticada na direção dos setores marginalizados socialmente; a **Complexidade** propõe a perspectiva da auto-eco-organização dos setores sociais;
- A **EP** é, na sua essência freireana, dialógica; a **Complexidade** pode ser dialético-dialógica;
- A **EP** é um processo ininterrupto; a **Complexidade** é também processo, mas decorrência/contingência.

Paulo Freire reitera a necessidade de se valorizar os saberes populares, sobretudo aqueles pertencentes aos dominados; Edgar Morin sugere o trânsito desses saberes. Ambos admitem a inclusão do conhecimento nas “totalidades” dos espaços onde são produzidos e para além desses espaços, com liberdade e amplitude. A ciência, para os dois pensadores, é consequência do hibridismo, da interação com outras vertentes, do conhecimento que circula entre as mais plurais tendências.

Apesar do caráter sumário deste texto, ainda buscamos elencar alguns aspectos que julgamos pertinentes:

- A sociedade de hoje, em oposição às sociedades do passado, mostra-se em permanente estado de mudança. Este cenário acentua, de maneira significativa, as diferenças entre os indivíduos, provocando o surgimento de relações distantes e heterogêneas. Os processos educativos precisam ser reconfigurados para a compreensão dessa heterogeneidade;

- A inteligência complexa propõe a “unidade” em atmosfera de “diversidade”. Por isso, aliada à EP, terá influência no combate à dominação para ajudar a formar pensamentos livres;
- Uma consciência cidadã, que busca a igualdade de direitos, é objetivo de qualquer projeto educacional que considere o “outro” como a extensão de nós mesmos; a complexidade auxilia no reconhecimento e na aceitação das diferenças.

Falar de liberdade, de saberes múltiplos, de emancipação não significa, apenas, nos limitarmos à igualdade, às reivindicações populares, aos movimentos de contestação, às práticas de educação popular. A cidadania – como a vida – está sujeita a processos contínuos de transformação, desdobrando-se em múltiplos conceitos, como um caleidoscópio de diferentes configurações (NASCI-MENTO, 2001, p. 178).

Paulo Freire e Edgar Morin salientam que os atores sociais podem construir uma educação rica de esperança para todos. Dos seus ensinamentos emerge a necessidade de se formar um novo educador para se formar um novo homem.

6 Referências

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo, Ars Poética, 1998.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Educação popular e complexidade. IN: COSTA, Mária Vorraber (org.). *Educação popular hoje*. São Paulo, Loyola, 1998.

- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997b.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 8. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectivas, 1990.
- MELO NETO, José Francisco de. O que é popular? IN: BRENNAND, Edna Gusmão de Góes (org.). *O labirinto da educação popular*. João Pessoa, Editora Universitária, 2003.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 2. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo, Cortez, 1995.
- MORIN, Edgar. *Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro, Garamond, 2000a.
- MORIN, Edgar. *Complexidade e transdisciplinaridade. A reforma da universidade e do ensino fundamental*. Natal, EDUFRN, 2000b.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, Edgar. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. São Paulo, Bertrand Brasil, 2002.
- MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. IN: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. 2. ed. Porto Alegre, Sulina/EDIPUCRS, 2002.
- MORIN, Edgar. *O enigma do homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- MORIN, Edgar e KERN, Anne Brigitte. *Terra-pátria*. Porto Alegre, Sulina, 1995.
- MORIN, Edgar e LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. São Paulo, Fundação Peirópolis, 2000.
- NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. *Informação e cidadania: da pluralidade dos sentidos ao desvelar dos ditos*. Dissertação de Mestrado. Ciência e Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.
- PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide e PETRAGLIA, Izabel (orgs.). *Edgar Morin: ética, cultura e educação*. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2003.